

A SOCIEDADE QUE MORREU(VIVEU) DE RIR

Um estudo discursivo do riso como dispositivo de exercício de poder

Waldênia Klésia Maciel Vargas SOUSA (FL/UFG) Bolsista CAPES

waldeniaklesia10@hotmail.com

Eliane Marquez da Fonseca FERNANDES (FL/UFG)

elianemarquez@uol.com.br

Palavras-chave: Riso; Poder; Saber.

Introdução

Vivemos a era da felicidade, do bem-estar, enfim, do riso. Essa é uma afirmação polêmica se levarmos em consideração, por exemplo, os estudos que indicam o riso como algo naturalmente humano.

Rir ou ser feliz não é ruim, porém o que chama a atenção é a visibilidade atual do riso. Vivemos a ditadura da felicidade diante de qualquer situação, a qualquer custo. A todo tempo observamos receitas de como ser feliz, sentir-se bem, rir, rir e rir. Contudo, não devemos esquecer que o riso, assim como outras manifestações linguísticas, é discursivo.

Conforme apontaremos a seguir, o riso já foi proibido e criticado. Porém, observamos, atualmente, um estímulo ao riso de diversas manifestações: propagandas, artigos científicos, artigos médicos, panfletos, músicas, entre outros. Em nosso estudo objetivamos encontrar, em meio à dispersão da rede enunciativa, uma regularidade de enunciados que estimule e incentive o riso em uma sociedade que morre de rir, ou melhor, que vive para rir, ou ainda, que ri para viver.

Consideramos o riso como uma forma de exercício de poder, pois está relacionada a diversos saberes. Atualmente, rir é uma questão de saúde, ou seja, rir o tornará mais saudável e, portanto, mais produtivo por mais tempo.

Ressaltamos que a pesquisa pertence ao paradigma qualitativo e, portanto, é descritiva e interpretativa. Nos interessa observar o processo no/pelo qual o riso se relaciona ao poder. De acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 17), a

pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações [...]. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa

que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Como método de pesquisa nos remetemos à análise documental, ou melhor, realizaremos uma análise interpretativa de documentos que constituem o *corpus* para estudo (DENZIN e LINCOLN, 2006). A análise interpretativa pode ser realizada em vários documentos, tendo como objetivo encontrar e identificar informações relacionadas aos objetivos traçados.

O *corpus* de nosso estudo é constituído por enunciados encontrados em qualquer tipo/gênero textual, com a única exigência de que estivessem relacionados ao riso, à felicidade, ao bem estar do indivíduo ou da sociedade. Não há uma regularidade cronológica em nossa coleta e sim uma regularidade temática.

O poder

O enunciado pode ser definido como aquilo que foi efetivamente dito por um sujeito discursivo (FOUCAULT, 2009). No entanto, não podemos esquecer da rede enunciativa que liga um enunciado a outro e determina sua manifestação, seu sentido e sua existência.

Entendendo que os enunciados mantêm entre si em relação de dependência, podemos inferir que eles formam um dispositivo, ou seja, formam uma “rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, [...] enunciados” (Castro 2009, p. 124). Esses elementos heterogêneos que formam um dispositivo estão em um meio disperso e podem pertencer a uma mesma formação discursiva, doravante FD. Sobre FD, Foucault afirma: “será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam; [...] mostrar como todas derivam de um mesmo jogo de relações” (2009, p. 76). Assim, poderemos individualizar uma FD quando entendermos seu funcionamento, seus dispositivos, suas estratégias, se percebermos uma regularidade nessa imensa rede de enunciados dispersos.

É através do enunciado que as relações de poder e saber podem ser percebidas. De acordo com Silva (2004, p. 161) a noção de FD

possibilitou a Foucault analisar como o saber vai se constituindo a partir das práticas discursivas, como elas engendram os saberes e como cada formação discursiva constrói os objetos de que fala. A tarefa, então, é descrever essas formações discursivas. A elas chegamos pelos enunciados que compõem o discurso de uma época. O enunciado é concebido como a

unidade do discurso e, sendo assim, tanto um como outro traduz em sua ocorrência a noção de poder.

O poder não é exercido somente como forma de adestramento. Para Foucault “[o] que faz com que o poder seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (2010, p. 8). A partir disso podemos falar em riso como exercício de poder social, tornando os corpos dóceis e produtivos porque estão felizes e saudáveis.

O riso

Longe de ser uma manifestação da mente humana ou ser algo natural do ser humano, o riso é uma criação cultural e histórica (BREMER; ROODENBURG, 2000), e acrescentamos, é uma criação discursiva e, portanto, mutável. Por isso, cabe ressaltar alguns momentos da história do riso que nos propiciará visualizar as diferentes maneiras como o riso já foi visto e como o é atualmente.

Começamos com o humor produzido pelos gregos, no período conhecido como Antiguidade Clássica. Período marcado por intensa manifestação de repúdio ao riso. Nesse período histórico o riso era visto negativamente e sua manifestação era restrita a ocasiões específicas: “[os] grandes festivais religiosos, em especial, permitiam aos gregos relaxar os padrões habituais de comportamento e entregar-se ao riso autêntico e ao humor irreverente” (BREMER; ROODENBURG, 2000, p. 29).

Durante a Idade Média, o controle sobre o riso se perpetua. Esse controle é realizado com maior veemência pela Igreja Católica. No entanto, começa a surgir, por volta do século XII, um comportamento inusitado dos reis: o rei cômico. Uma de suas funções obrigatórias seria a de fazer piadas. Neste contexto, o riso estava tornando-se um instrumento de governo ou mesmo construindo uma imagem de poder, pois “tem-se a impressão de que, nas mãos do rei, o riso era um meio de estruturar a sociedade” (BREMER; ROODENBURG, 2000, p. 71).

O riso no século XX é bastante distinto das épocas anteriores: há uma liberação do riso, sendo considerado estranho o sujeito que não ri. Contudo, esse riso exagerado e cultuado, demonstra um total controle da sociedade através do riso, pois ela ri de si mesma e de suas tragédias como forma de suportá-las. A sociedade desse século faz apologia à felicidade, tornando o riso obrigatório de um lado, e de outro “os espíritos tristonhos são postos em quarentena, [pois] a festa

deve ser permanente” (MINOIS, 2003, p. 553). Na sociedade do século XX, manter o espírito cômico é inevitável e “o humor universal, padronizado, midiático, comercializado, globalizado, conduz o planeta” (MINOIS, 2003, p. 554), assim, a sociedade está vivendo para rir ou rindo para viver.

O riso: representação de felicidade e bem estar social



Figura 1



Figura 2

Na figura 1 temos o enunciado: “Pão de Açúcar” e “Lugar de gente feliz”. O primeiro enunciado se refere ao nome do estabelecimento comercial, e remete a algo doce, o que para muitos traz felicidade, bem estar, é sinônimo de alegria. O segundo enunciado é ainda mais explícito quanto à questão da felicidade. A propaganda tem dois objetivos: 1) propor que quem frequenta tal estabelecimento é feliz; 2) propor que neste lugar encontra-se a felicidade que se busca. Portanto, se a felicidade é obrigatória pode até mesmo ser comprada no supermercado.

Com isso, percebemos que os enunciados, mais do que induzir ao riso, nos disciplinam a rir. Essa é uma cobrança da sociedade. Concordamos com Foucault (2010), pois o poder não é apenas repressor e violento, dizendo sempre não. O poder é produtivo e se manifesta de maneiras bem sutis, como por exemplo, a aparição deste enunciado tão ‘doce’ e não outro em seu lugar.

A figura 2 diz muito sobre o que falamos durante a reflexão deste trabalho, pois as pessoas que aparecem na imagem querem sorrir, querem pelo menos aparentar felicidade, pois se estamos inseridos na sociedade do riso devemos rir ou seremos considerados anormais.

Percebemos ao fundo um conjunto de pessoas em uma fila esperando pelo momento em que irão se apoderar de um mecanismo que as fará sorrir. Esses sujeitos estão com feições sérias, tristes, mal-humoradas. Mas percebemos que o mecanismo que se assemelha a um gancho é colocado na extremidade dos lábios e os estica, simula um sorriso e as pessoas parecem felizes. Essas pessoas querem ser normais, ou seja, querem sorrir, ser felizes, querem obedecer aos enunciados que circulam e se relacionam a saberes e produzem poderes.

Considerações finais

A repressão ao riso durante alguns períodos históricos pode revelar mais que um simples controle de temas que fazem rir, revela o poder que ele pode exercer na sociedade. Antes, a proibição ao riso era motivada pelo medo da desordem social, atualmente, ele é estimulado para controlar os indivíduos, homogeneizá-los.

Estudar o riso significa entender como a pressão do riso é capaz de moldar o sujeito, estabelecer hierarquias, isto é, estabelecer relações de poder, ligadas a saberes, que também produzem poder. Percebemos um disciplinamento do corpo através do riso. Contudo, rir é uma cobrança dos outros sujeitos que nos rodeiam e exercem poder sobre nós, nos deixando cada vez mais felizes e vivos.

Referências

BREMER, J.; ROODENBURG, H. (org.) *Uma história cultural do humor*. Tradução Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000. 300 p.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. (org.) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe B. Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 236 p.

_____. *Microfísica do poder*. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

SILVA, F. P. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org.) *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. São Paulo: Claraluz, 2004. p. 159-179.